

Veículo REVISTA VEJA

Data 24 DE AGOSTO DE 1988

Cliente TRIÁDE GALERIA - RETROSPECTIVA IVAN SERPA

Arte

Busca constante

O talento de Ivan Serpa numa retrospectiva

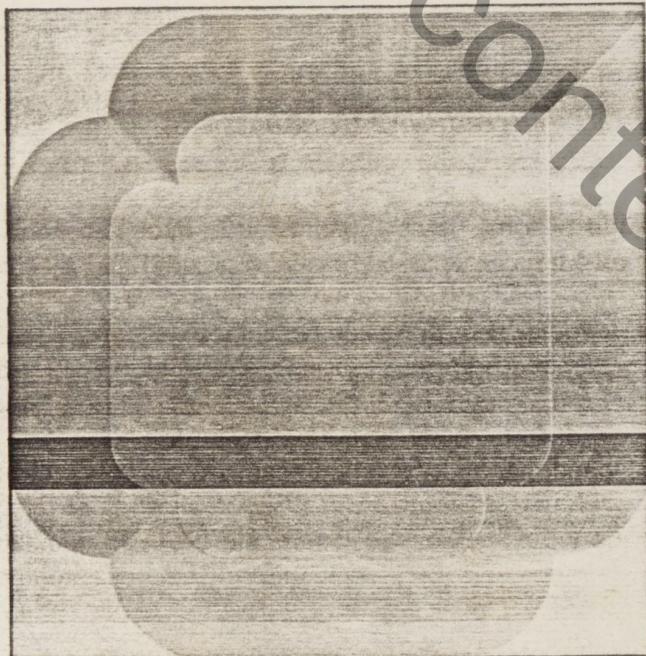
O artista plástico carioca Ivan Serpa, morto em 1973, aos 50 anos, ouviu ao longo de toda a vida uma mesma crítica a sua obra. Ele era acusado de não se fixar numa linguagem, de beber em todas as fontes, mesmo quando antagônicas. Serpa, de fato, não poderia ser definido como um artista coerente, daqueles que perseguem um objetivo durante a carreira e, a partir de um motivo ou tema, tenta apurar cada vez mais seu trabalho. Ao contrário, foi uma espécie de antena, captando e filtrando influências de todas as espécies. Na década de 50, foi o fundador e figura de proa do Grupo Frente, ligado ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, que lançou as bases da arte concreta no país — ao lado dos paulistas do Grupo Ruptura. Tempos depois, lá estava Serpa, de volta ao figurativismo, pintando imensas cabeças em desespero durante sua fase negra. Mais: Serpa flertou com o abstracionismo informal logo depois de abandonar o concretismo e ainda mergulhou na op art. Essa multiplicidade de tendências configuraria, de fato, um artista incoerente?

A resposta pode ser obtida na exposição *Ivan Serpa*, que marca a inauguração da Triáde Galeria de Arte, no Rio de Janeiro, aberta na semana passada e que se estende até o dia 18 de setembro. As 36 obras em exposição mostram que Serpa atravessou várias escolas, mas deixou marcada sua passagem em todas elas, como um grande artista. “Quando troco uma técnica por outra, é porque cheguei a um perfeito domínio e devo substituí-la sob pena de estagnar-me”, disse ele em 1967. Essa espécie de furor criativo, imune a barreiras de estilo ou técnica, é o legado de Serpa, sua grande contribuição à arte brasileira. “Ele sempre foi muito sensível a manifestações e tendências novas, como se tivesse uma necessidade imperiosa de experimentar tudo”, diz Abraham Palatnik, que expôs com o Grupo Frente e é um dos pioneiros da arte cinética.

“BOTOCUDA” — As obras em exposição, que não estão à venda, tentam abranger todos os períodos de Serpa. “Quando o artista é aprovado comercialmente, teme



Figuras e Letra: o rigor de um artista que passou ao largo da estagnação



Série Amazônica n.º 10: volta ao geométrico

distanciar-se da fórmula que deu certo, mas com Serpa ocorria justamente o contrário”, constata Janete Costa, que organizou a retrospectiva. Quando os alunos do curso do MAM, iniciados por Serpa no concretismo, como Lygia Pape, Lygia Clark e Hélio Oiticica, saltavam para a experiência neoconcreta, na virada da década de 50, ele enveredava pelo abstracionismo informal — uma tendência que marcou a Bienal de São Paulo de 1959 — até chegar numa de suas melho-

res fases, a negra, em que gigantescas cabeças refletiam os medos da época — a ameaça atômica, a fome na África, enfim, o desespero do ser humano confrontado com suas próprias criações. A fase negra acabou substituída por um caminho que uniu telas de extremado lirismo a outras de forte apelo erótico.

Lentamente, o artista retomou o caminho do geometrismo, algo que havia criticado em seus alunos por considerar os vãos concretos tendências típicas de países industrializados. “Devíamos seguir a arte botocuda”, chegou a dizer na época. O reencontro com o rigor geométrico pode ser pressentido no quadro *Figuras e Letra* — uma simbiose entre seres expressionistas e composição construtiva — e se mostra inteiro na série amazônica e *Quadrados*, feitos na virada da década de 60. A importância da exposição na Triáde é justamente trazer a público os vários caminhos experimentados por Serpa. “Ele foi professor de toda uma geração, mas os jovens não o conhecem”, acredita Janete Costa. Ver essa tímida mostra (em 1974, o MAM dedicou-lhe uma retrospectiva com 274 obras) equivale a aprender um pouco sobre os caminhos trilhados pela arte brasileira em um de seus períodos de maior assombro e invenção. ●

Fase negra: encontro com o figurativismo em obra densa

